CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

GERLÂNIA VANESSA SOUSA SILVA

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS E ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

SUMÉ - PB
2025

GERLÂNIA VANESSA SOUSA SILVA

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS E ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Monografia apresentada ao curso Superior de Enfermagem da UNICIR – Faculdade do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Professora. Esp. Samara Luna Queiroz.

SUMÉ - PB
2025

S586p Silva, Gerlânia Vanessa Sousa.
O papel da enfermagem na assistência às crianças com transtorno do espectro autista: uma análise sobre os desafios atuais e estratégias para promoção da saúde mental. / Gerlânia Vanessa Sousa Silva. - 2025.

35f.

Orientadora: Professora Esp. Samara Luna Queiroz.
Monografia – UNICIR - Faculdade do Cariri; Curso Superior de Enfermagem.

1. Enfermagem. 2. Transtorno do espectro autista. 3. Saúde mental. 4. Assistência de enfermagem. 5. Crianças. I. Queiroz, Samara Luna. II. Título.

CDU: 616.896-053.2:614.253.5(043.1)

Elaboração da ficha catalográfica:

Élida Maeli Fernandes Quirino
Bibliotecária - CRB – 15 / 976

GERLÂNIA VANESSA SOUSA SILVA

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS ATUAIS E ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Monografia apresentada ao curso Superior de Enfermagem da UNICIR – Faculdade do Cariri, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Enfermagem.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
gov.br
SAMARA LUNA QUEIROZ
Data: 18/12/2025 06:08:56-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professora Esp. Samara Luna Queiroz.
Orientadora - UNICIR – Faculdade do Cariri

Documento assinado digitalmente
gov.br
DANIELA FARIAS DE MACEDO
Data: 12/12/2025 14:38:07-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professora Esp. Daniela Farias de Macêdo.
Examinadora Interna - UNICIR – Faculdade do Cariri

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOCILDA DE AZEVEDO RODRIGUES E RAMOS
Data: 13/12/2025 14:29:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Professora Esp. Jocilda de Azevêdo Rodrigues e Ramos.
Examinadora Interna - UNICIR – Faculdade do Cariri

Trabalho Aprovado em: 25 de novembro de 2025.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho aos autores da minha vida, Deus e Nossa Senhora, que me concederam a graça de concretizar este sonho. Dedico em especial, e com todo meu amor, a minha mãe, aquela que me ensinou a ser exatamente quem sou, exemplo de coragem, humildade e amor incondicional, o coração desta vitória. Ao meu pai (in memoriam), cuja presença permanece viva em meu coração, tenho certeza de que ele celebra esta conquista ao meu lado, onde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu alicerce em todos os dias, que sempre guiou e iluminou meus passos, me dando discernimento, concedendo-me força, coragem e sabedoria para chegar até aqui e concretizar este sonho. A Nossa Senhora, minha Mãe e intercessora fiel, a qual sou consagrada, entregue inteiramente a Ela pela Aliança de amor, agradeço pela graça de nunca ter caminhado sozinha. Foi nos momentos mais silenciosos, quando apenas o meu coração sabia o peso que eu carregava, que senti o cuidado d'Ele e o colo materno d'Ela me sustentando. Tudo o que vivi, superei e alcancei tem a marca divina.

A minha mãe, a mulher mais forte e extraordinária que existe, o amor mais forte e mais puro que eu tenho na vida, não há palavras que façam jus a tudo o que a senhora representa. Mainha, a senhora é a minha fortaleza, minha base, meu exemplo e minha maior inspiração, este diploma nasce das suas mãos, dos seus sacrifícios e do seu amor incansável. Fomos sempre nós três, a senhora, eu e minha irmã e a senhora nos guiou com coragem, mesmo quando o caminho era duro. Obrigada por todos os sacrifícios silenciosos, pelas palavras que me levantaram quando eu estava caindo, e por acreditar em mim até quando eu mesma achava que não ia conseguir. Carrego em mim sua força, sua fé, seu exemplo. Esse sonho realizado tem o seu nome gravado em cada linha, em cada lágrima e em cada vitória.

A minha irmã, com quem tive a alegria de sonhar, lutar e caminhar lado a lado nesta jornada acadêmica, uma vitória que celebra nossa fé, união e tudo o que superamos e conquistamos juntas, minha presença constante, o laço que nunca se desfez. Quantas vezes sonhamos com esse momento, e quantas vezes achamos que era longe demais. Mas Deus uniu nossos passos de forma perfeita, como sempre fez. Começamos juntas, enfrentamos juntas e agora concluímos juntas. Obrigada por todo apoio conversas, pelo incentivo e por estar comigo nos dias bons e ruins. Você é parte essencial da minha história, e essa conquista tem o sabor de promessa cumprida, de sonho compartilhado e de amor que nunca se perde.

Ao meu pai, (in memoriam), deixo meu carinho e minha saudade. Que esta vitória alcance o senhor onde estiver. Que meu esforço honre tudo o que o senhor desejou para mim. Minha caminhada também carrega o que aprendi com o senhor, e isso me acompanha para sempre.

Aos meus avós (mãe Severina e pai Zuca in memoriam), ofereço um agradecimento especial, vocês foram muito mais do que avós: foram abrigo, raiz, ternura e direção. Cresci envolta no amor de vocês, sob o mesmo teto, recebendo diariamente lições silenciosas de força,

simplicidade, caráter e cuidado. Cada gesto de vocês ajudou a construir quem eu me tornei. Vocês me criaram junto com Mainha, com uma dedicação que ultrapassa qualquer explicação. Hoje, ao conquistar este sonho, sinto como se estivesse levando as mãos de vocês junto as minhas. Que essa vitória alcance o céu e encontre vocês, onde a vida eterna abraça o que mais amamos. Obrigada por cada conselho, cada ensinamento e por terem sido parte viva do lar que moldou minha história. Tudo o que sou carrego um pouco de vocês. E essa conquista também é de vocês, para sempre.

Aos meus familiares e amigos por todo carinho, torcida e incentivo. E um agradecimento especial a alguns tios, tias e primas que de forma tão generosa, foram sustento e luz em um momento delicado da minha caminhada acadêmica, quando temi não conseguir continuar a faculdade, vocês se uniram, se mobilizaram, se doaram. Nunca esquecerei esse gesto, o que fizeram por mim, foi amor transformado em ação, foi cuidado virando força, foi família sendo família da forma mais linda e verdadeira, no sentido mais puro da palavra: Suporte, abrigo e amor. Vocês seguraram a minha mão quando eu precisava, minha gratidão infinita. Que Deus retribua em abundância cada gesto de generosidade que dedicaram a mim.

A minha amiga tão especial, Noemi, um agradecimento cheio de carinho e admiração. O jeito como você ama, ensina, cuida e acolhe cada criança, principalmente crianças com TEA, com uma delicadeza que só quem tem um dom verdadeiro consegue expressar, toca meu coração de um jeito único. Sempre observei de perto, com muita admiração, sua entrega como professora e neuropsicopedagoga. E você foi, uma das maiores inspirações para que eu escolhesse este tema. Aprendi e sigo aprendendo constantemente com você, na sua paciência, no seu compromisso, dedicação, na sua sensibilidade e a forma linda com que você enxerga cada criança e cada pessoa. Com você, compreendi ainda mais que cuidar não é apenas técnica, mas sensibilidade, amor, respeito, escuta e acolhimento. Meu agradecimento vai além do que você inspira profissionalmente. Obrigada por tudo o que você é e representa pra mim amiga, por tudo o que desperta em mim. Ter você na minha vida é um presente que Deus me deu com todo cuidado.

As minhas amigas que a graduação me deu, Beatriz e Samara, que caminharam lado a lado comigo nessa jornada intensa. Obrigada por serem abrigo, por cada conversa, cada apoio, cada desabafo, por cada momento compartilhado, por cada risada, pela companhia de vocês. A amizade de vocês é muito especial, e tornou o caminho mais leve e mais bonito.

Aos professores da instituição pela dedicação, pelos ensinamentos e pela paciência. Cada orientação, cada correção e cada incentivo contribuíram para a profissional que estou me

tornando.

A minha banca examinadora, Daniela e Jocilda, deixo um agradecimento especial pela disponibilidade, pela generosidade e pelo cuidado dedicado a este trabalho. Ter vocês aqui, não apenas como avaliadoras, mas também como professoras que fizeram parte da minha formação, torna este momento ainda mais significativo. Cada orientação, cada olhar atento e cada contribuição de vocês representa muito para mim. É uma honra enorme tê-las presentes em um capítulo tão marcante da minha trajetória acadêmica.

E de forma muito especial, a minha orientadora, Samara Luna. Tenho por você um carinho imenso e uma admiração profunda. Sempre desejei que fosse você a me orientar, e Deus me concedeu esse privilégio com todo carinho. Tê-la como orientadora e, antes disso, como professora, foi um presente que marcou minha formação. Não existem palavras suficientes para traduzir a grandeza da sua orientação. Obrigada pela paciência generosa, pelos retornos sempre cuidadosos, pelo incentivo constante, pela confiança em mim, e por toda a sabedoria que compartilhou comigo. Sua dedicação, sua clareza e sua sensibilidade fizeram deste trabalho algo muito maior do que eu imaginei. Você foi essencial para que este trabalho ganhasse forma, profundidade e sentido. Levo comigo não apenas os conhecimentos que aprendi, mas a inspiração que encontrei em você, na profissional extraordinária e, sobretudo, na pessoa humana linda que é. Minha gratidão por tudo o que representou nessa caminhada será eterna.

Agradeço a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, deixaram sua marca na minha caminhada. Cada gesto, cada palavra, cada apoio, cada oração, tudo contribuiu para que este sonho se tornasse realidade.

Por fim, encerro este momento com o coração transbordando de gratidão: este trabalho representa mais do que que um marco acadêmico; é a celebração de uma história construída com fé, coragem, esperança e amor. Que cada passo deste caminho testemunhe a mão de Deus guiando, sustentando e iluminando minha jornada.

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isso” (Is 41:20).

A todos vocês minha eterna gratidão!

"*Cuidar não é apenas uma emoção, atitude ou simples desejo. Cuidar é o ideal moral da enfermagem, porque seu objetivo é proteger, melhorar e preservar a dignidade humana".*

(Jean Watson)

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por alterações na comunicação social, comportamento e interação, exigindo cuidados específicos e contínuos. Nesse contexto, o papel da enfermagem torna-se essencial, visto que o enfermeiro atua na detecção precoce, no acolhimento familiar e na promoção da saúde mental infantil. Entretanto, a falta de preparo técnico, a ausência de protocolos e a sobrecarga de trabalho ainda representam desafios para a assistência qualificada. Compreender o papel da enfermagem na assistência às crianças com TEA, destacando desafios e estratégias para a promoção da saúde mental. Especificamente, identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros, refletir sobre a importância da capacitação profissional e avaliar o impacto do cuidado de enfermagem na melhoria da qualidade de vida das crianças. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizada entre fevereiro e novembro de 2025. As buscas foram efetuadas nas bases SciELO, LILACS, BVS e PubMed, utilizando os descritores "Transtorno do Espectro Autista", "enfermagem", "criança" e "saúde mental", combinados com o operador booleano AND. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 19 artigos compuseram a amostra final. Os estudos analisados evidenciaram que a enfermagem possui papel central na detecção precoce dos sinais do TEA, na escuta qualificada e na orientação às famílias. Contudo, constatou-se a existência de lacunas na formação profissional, ausência de protocolos estruturados e insuficiente articulação entre os serviços de saúde. Além disso, estratégias educativas e humanizadas mostraram-se eficazes na redução do estresse familiar e na melhoria da comunicação e socialização da criança. Conclui-se que a enfermagem é fundamental no cuidado integral à criança com TEA, sendo indispensável o investimento em capacitação contínua, protocolos específicos e fortalecimento das políticas públicas. A atuação sensível e humanizada do enfermeiro contribui diretamente para o bem-estar emocional, o desenvolvimento cognitivo e a inclusão social das crianças e de suas famílias.

Palavras-chave: enfermagem; transtorno do espectro autista; saúde mental; criança; assistência de enfermagem.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder characterized by alterations in social communication, behavior, and interaction, requiring specific and continuous care. In this context, the role of nursing becomes essential, since nurses act in early detection, family support, and the promotion of children's mental health. However, the lack of technical preparation, the absence of protocols, and the workload overload still represent challenges for qualified care. To understand the role of nursing in the care of children with ASD, highlighting challenges and strategies for promoting mental health. Specifically, to identify the main difficulties faced by nurses, to reflect on the importance of professional training, and to evaluate the impact of nursing care on improving the quality of life of children. This is an integrative literature review, with a qualitative and descriptive approach, conducted between February and November 2025. Searches were performed in the SciELO, LILACS, BVS, and PubMed databases, using the descriptors "Autism Spectrum Disorder," "nursing," "child," and "mental health," combined with the Boolean operator AND. After applying the inclusion and exclusion criteria, 19 articles comprised the final sample. The analyzed studies showed that nursing plays a central role in the early detection of signs of ASD, in qualified listening, and in guiding families. However, gaps in professional training, a lack of structured protocols, and insufficient coordination between health services were observed. Furthermore, educational and humanized strategies proved effective in reducing family stress and improving the child's socialization and development. It is concluded that nursing is fundamental in the comprehensive care of children with ASD, and that investment in continuous training, specific protocols, and the strengthening of public policies is indispensable. The sensitive and humanized work of nurses directly contributes to the emotional well-being, cognitive development, and social inclusion of children and their families.

Keywords: nursing; autism spectrum disorder; mental health; child; nursing care.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11

2 REVISÃO DE LITERATURA..... 14
2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA..... 14
2.2 O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS COM TEA.... 16
2.3 ESTRATÉGIA DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL CRIANÇAS COM TEA..... 18

3 METODOLOGIA..... 21

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... 22

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 31

REFERÊNCIAS..... **32**

1. INTRODUÇÃO

O emprego da palavra autismo foi usado pela primeira vez pelo psiquiatra Eugen Bleuler no ano de 1908, quando se referia a pacientes com esquizofrenia, os quais apresentavam episódios de delírios. Alguns anos depois, outro psiquiatra, Leo Kanner, mencionava alguns sinais clínicos do autismo após um pai com uma criança expor tais características de comportamento atípicos. Na década de 1990, houve muitas mudanças em relação à classificação do autismo, mas somente em 2007 foi estabelecido o Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, dia tido como celebrado em 2 de abril, que tem como objetivo disseminar informações sobre o transtorno do neurodesenvolvimento, com o principal intuito de reduzir o preconceito que atinge todos que são acometidos pelo transtorno (Pereira *et al*., 2023).

Ainda de acordo com a pesquisa de Pereira *et al*. (2023), as causas do autismo foram bastante discutidas, e concluiu-se que podem ser influenciadas tanto por fatores genéticos quanto por fatores ambientais, que têm importante relevância, o que contraria estudos anteriores, que atribuíram a causas genéticas mais de 80% do risco de uma criança ser diagnosticada com transtorno do neurodesenvolvimento.

O Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento que apresenta déficits persistentes na comunicação social e em comportamentos repetitivos, geralmente aparecendo longo na infância. Considerando a complexidade do diagnóstico e a diversidade de suas manifestações clínicas, o cuidado de crianças com TEA requer uma estratégia que envolve vários profissionais, em que a enfermagem tem uma função essencial (Jerônimo *et al*., 2023).

Segundo Oliveira *et al.* (2025), o diagnóstico de TEA tem aumentado nos últimos anos, evidenciando a necessidade de melhoria dos serviços de saúde para receber e cuidar desse público. Nesse caso, o enfermeiro não só presta assistência direta, mas também oferece escuta qualificada, educação em saúde e apoio à família.

Sendo o TEA caracterizado por diversas manifestações comportamentais, em que a criança necessita de uma abordagem individualizada a certas dificuldades, o cuidado em saúde mental na infância requer uma abordagem que combine sensibilidade, conhecimento técnico e empatia por parte dos profissionais de enfermagem. Esta equipe frequentemente se depara com desafios notáveis, como a falta de protocolos específicos, a falta de formação adequada e a sobrecarga de trabalho (Soeltl *et al*., 2021). Ademais, a insuficiência de preparo dos profissionais pode resultar em práticas que não apenas se mostram ineficazes, mas também

podem ser prejudiciais ao desenvolvimento de crianças identificadas com TEA.

De acordo com Santos (2025), a capacitação contínua da equipe de enfermagem é essencial para assegurar um atendimento mais humanizado e eficaz. A formação em saúde mental, bem como o atendimento às particularidades do autismo, são elementos cruciais para proporcionar um atendimento eficaz e acolhedor.

A importância do presente tema reside na necessidade premente de se abordar a preparação dos profissionais de enfermagem diante da complexidade do TEA. Conforme salientado por Mota *et al.* (2022) o cuidado de enfermagem deve transcender as práticas meramente técnicas, integrando aspectos afetivos, sociais e educativos, a fim de promover a inclusão, o conforto e a qualidade de vida da criança e de sua família.

Em face do exposto, estabelece-se a seguinte questão orientadora: quais são as dificuldades que a profissão de enfermagem enfrenta na assistência a crianças com TEA? Este estudo tem a expectativa de contribuir para uma reflexão crítica acerca da prática da enfermagem em saúde mental infantil, além de incentivar a implementação de políticas e programas de formação que capacitem adequadamente os profissionais a atender às necessidades específicas de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A escolha do tema em questão é justificada pela crescente demanda por cuidados especializados direcionados a crianças diagnosticadas com TEA, assim como pelos desafios que os enfermeiros encontram na promoção da saúde mental infantil. A complexidade inerente ao TEA requer uma assistência qualificada, sensível e contínua, tornando-se imprescindível a reflexão sobre o papel da enfermagem na identificação precoce, no suporte às famílias e na elaboração de estratégias de cuidado que sejam humanizadas e interdisciplinares (Jerônimo *et al*., 2023).

O papel do enfermeiro no atendimento a crianças que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA) transcende a assistência técnica. De acordo com Oliveira (2022), é responsabilidade do profissional oferecer uma escuta atenta, proporcionar acolhimento à família e realizar intervenções personalizadas que considerem as particularidades da evolução da criança. O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), através do Parecer n° 17/2025, reconhece a importância dessa função como essencial no contexto da Rede de Atenção Psicossocial, enfatizando a importância crucial da atuação do enfermeiro para o diagnóstico precoce, para o fortalecimento de vínculos familiares e para a promoção de uma melhor qualidade de vida, dessa forma, torna-se imprescindível explorar e valorizar a importância da atuação da enfermagem neste cenário.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é: Compreender o papel da enfermagem na

assistência às crianças com TEA, destacando desafios e estratégias para a promoção em saúde. Para atingir esse objetivo, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar os principais desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no cuidado às crianças com TEA;
2. Refletir sobre a importância da capacitação da enfermagem para o atendimento adequado ao público infantil com TEA;
3. Avaliar o impacto do cuidado de enfermagem na melhoria de vida das crianças com TEA e seus familiares.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno de neurodesenvolvimento caracterizado por alterações persistentes na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, geralmente manifestando-se nos primeiros anos de vida (Jerônimo *et al*., 2023). O espectro autista apresenta elevada heterogeneidade, o que significa que cada criança pode manifestar sintomas e necessidades de maneira distinta, variando desde dificuldades leves e de interação social até comprometimentos significativos no desenvolvimento cognitivo, comportamental e adaptativo.

A concepção do Transtorno do Espectro Autista (TEA) passou por transformações significativas nas últimas décadas. Até 2013, as classificações diagnósticas separavam o autismo em diferentes categorias, como síndrome de Asperger e transtorno desintegrativo da infância. Com a publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o autismo passou a ser compreendido como um espectro único, que abrange diferentes níveis de suporte, variando conforme a intensidade dos sintomas e o impacto na funcionalidade da pessoa. Essa perspectiva foi posteriormente incorporada à Classificação Internacional de Doenças (CID-11), publicada pela Organização Mundial da Saúde, que define o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento (Dunningham; Filho, 2024).

Essa mudança representou um avanço na compreensão clínica e no acolhimento das singularidades de cada indivíduo autista, permitindo que o enfermeiro atue com maior precisão na triagem, escuta qualificada e cuidado integral em saúde mental infantil.

Estudos recentes indicam um aumento no diagnóstico do TEA, tanto em contextos nacionais quanto internacionais, evidenciando a necessidade de serviços de saúde preparados para identificar precocemente e oferecer cuidado adequado ao público (Oliveira *et al*., 2025). No Brasil, o crescimento do número de casos registrados exige não apenas atenção à detecção e ao diagnóstico, mas também estratégias de acompanhamento contínuo e que considerem o desenvolvimento integral da criança e o impacto na família. De acordo com dados recentes, a prevalência global do TEA é de aproximadamente 1 a cada 100 crianças, segundo a Organização Mundial de Saúde. Nos Estados Unidos, estudos apontam um caso de TEA para cada 36 crianças, enquanto no Brasil estima-se cerca de 5,9 milhões de pessoas com o transtorno

(Oliveira *et al*., 2025).

As manifestações do TEA envolvem desafios significativos para o desenvolvimento infantil, afetando habilidades sociais, comunicação verbal e não verbal, além de exigir adaptação constante do ambiente familiar e escolar (Jerônimo *et al*., 2023). A diversidade do espectro implica que intervenções individualizadas sejam fundamentais, considerando tanto o grau de comprometimento quanto as particularidades comportamentais e emocionais de cada criança.

A etiologia do TEA é complexa e multifatorial, envolvendo a interação entre fatores genéticos, ambientais e neurológicos. Pesquisas recentes destacam que mutações em genes relacionados ao desenvolvimento sináptico e à comunicação neuronal podem influenciar o surgimento do transtorno, sendo potencializadas. Por fatores ambientais, como infecções maternas, complicações gestacionais e idade paterna avançada (Magalhães *et al*., 2020). Além disso, Santos *et al.* (2025) enfatizam que o TEA é resultado de uma interação dinâmica entre herança genética e fatores externos, reforçando a importância de uma abordagem multiprofissional e de enfermagem centrada no desenvolvimento integral da criança.

O TEA não afeta apenas a criança diagnosticada, mas também repercute na dinâmica familiar. Pais e cuidadores frequentemente relatam sentimentos de ansiedade, sobrecarga e necessidade de constante vigilância e adaptação às demandas da criança (Sabeh *et al*., 2024). Dessa forma, a intervenção precoce e o suporte familiar tornam-se essenciais para o desenvolvimento da criança e para a promoção do bem-estar da família. Estudos apontam que estratégias de orientação e educação em saúde podem reduzir impactos significativos e favorecer a inclusão social e a qualidade de vida (Mota *et al*., 2022).

A consulta de enfermagem tem papel determinante na identificação precoce de sinais do TEA, especialmente durante o acompanhamento de puericultura. O enfermeiro, por estar em contato direto e contínuo com a criança e a família, pode observar manifestações precoces, como atraso na fala, ausência de contato visual, resistência a mudanças na rotina, movimentos repetitivos, pouca resposta a estímulos sociais e dificuldades de demonstrar afeto (Pitz; Gallina; Schultz, 2021). Para apoiar a triagem há instrumentos de fácil aplicação e baixo custo como (M-CHAT-R/F) e a (CARS), que podem ser utilizados durante o acompanhamento de rotina (Oliveira *et al*., 2025). O uso sistemático dessas ferramentas pela enfermagem contribui para a detecção precoce e orientação familiar e acompanhamento seguro, favorecendo o cuidado integral e contínuo dentro da rede de atenção psicossocial (RAPS).

Mendonça *et al*. (2023) apresentam uma ferramenta móvel destinada a apoiar a detecção precoce e o acompanhamento de crianças com Transtorno de Espectro Autista na Atenção

Primária, integrando triagem, registro clínico e educação familiar em um único ambiente digital. Segundo os autores, o aplicativo atua como recurso e suporte à prática do enfermeiro, permitindo a aplicação sistemática de instrumentos de rastreio, o registro longitudinal de sinais e encaminhamentos e o fornecimento de orientações educativas aos cuidadores, funcionalidades que fortalecem a articulação entre equipes da APS e serviços especializados. O estudo destaca ainda que soluções digitais, quando alinhadas aos fluxos assistenciais e à capacitação dos profissionais, ampliam a cobertura da triagem precoce e promovem um cuidado mais organizado e centrado na família, no contexto do SUS.

2.2 O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS COM TEA

A Atenção Primária a Saúde é a porta de entrada para o conjunto de ações que envolve todo cuidado prestado às crianças em que é possível detectar todo e qualquer agravo a sua saúde tendo o enfermeiro como responsável principal por estas ações mediante a prática de Puericultura que tem como objetivo realizar uma escuta e acolhimento qualificados, observar sinais de alerta, criação de vínculo, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil onde se é possível realizar uma triagem precoce para facilitar possíveis diagnósticos e adotar a melhor conduta (Mendonça, *et al*. 2023).

Diante da complexidade do TEA, o cuidado de crianças diagnosticadas requer a atuação de uma equipe multiprofissional, na qual o enfermeiro desempenha papel central. O profissional de enfermagem participa da detecção precoce de sinais do TEA, realiza diagnósticos de enfermagem considerando aspectos do comportamento e da comunicação social e coordena a implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e do Projeto Terapêutico Singular (PTS) em colaboração com outros profissionais de saúde (Cofen, 2025).

Além da assistência direta, o enfermeiro atua oferecendo escuta qualificada, orientação e suporte à família, promovendo um cuidado humanizado e individualizado. No entanto, estudos apontam que a equipe de enfermagem enfrenta desafios significativos, como a ausência de protocolos específicos, lacunas na formação em saúde mental infantil e sobrecarga de trabalho, fatores que podem comprometer a efetividade do cuidado (Soeltl *et al*., 2021).

A capacitação contínua em saúde mental e nas particularidades do TEA é essencial para garantir intervenções eficazes e acolhedoras. O conhecimento técnico, aliado à sensibilidade e empatia do profissional de enfermagem, favorece a construção de vínculos terapêuticos, o fortalecimento das famílias e a promoção da qualidade de vida da criança (Santos, 2025).

Além da capacitação técnica, é imprescindível que os programas de formação

continuada incorporem em módulos sobre manejo comportamental, comunicação adaptada e suporte psicossocial às famílias, uma vez que esses elementos favorecem intervenções mais eficazes e humanizadas.

Revisões recentes apontam que os enfermeiros atuam como agentes estratégicos na detecção precoce e no acompanhamento do desenvolvimento infantil, o que exige atualização contínua sobre os sinais de alerta e instrumentos de triagem (Motta *et al*., 2022). Estudos de campo demonstram que a falta de capacitação específica limita a qualidade do atendimento e aumenta a sensação de vulnerabilidade das famílias, reforçando a necessidade de políticas institucionais para treinamentos e supervisão reflexiva (Ferreira *et al*., 2024). Além disso, o estudo aponta que a combinação entre preparo técnico e o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como empatia, escuta atenta e comunicação adaptada, favorece a construção do vínculo terapêutico com a criança com TEA e sua família. A adoção de uma postura acolhedora e humanizada contribui para uma assistência mais sensível e alinhada às necessidades da criança (Soeltl *et al*., 2021). Aplicabilidade de instrumentos de triagem nas consultas de puericultura também tem sido relatada como prática, viável e de baixo custo, quando os profissionais recebem capacitação objetiva e protocolos instituídos (Pitz; Gallina; Schultz, 2021).

O cuidado à criança com TEA está amparado por importantes instrumentos legais e políticas públicas brasileiras. A Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, assegurando o direito à saúde, à educação, à inclusão social e ao atendimento multiprofissional (BRASIL, 2012; CAITANO *et al*., 2025). O SUS, por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), garante a articulação entre a Atenção Primária, os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPSi) e demais níveis de cuidado. Dentro dessa rede, o enfermeiro é reconhecido como elo fundamental entre a família e os serviços, atuando no acolhimento e na escuta qualificada e na orientação sobre direitos e recursos disponíveis (Sousa; Abreu; Bubadué, 2024). De acordo com o Parecer nº 17/2025 do COFEN, a atuação da enfermagem no contexto do TEA deve estar alinhada às políticas públicas e pautada no acolhimento humanizado, fortalecendo vínculos e promovendo o empoderamento dos cuidadores para garantir um cuidado contínuo e efetivo (COFEN, 2025).

2.3 ESTRATÉGIA DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL CRIANÇAS COM TEA

A atuação da enfermagem na promoção da saúde mental de crianças com TEA envolve a implementação de estratégias individualizadas que consideram as necessidades específicas de cada criança e o contexto familiar. O enfermeiro desempenha papel central no planejamento e execução de cuidados personalizados, utilizando intervenções que incluem educação em saúde para pais e cuidadores, acompanhamento com multiprofissionais e supervisão contínua do desenvolvimento infantil, garantindo maior segurança e bem-estar emocional para a criança (Caitano *et al.,* 2025; Freitas *et al*., 2023; Sousa; Abreu; Bubadué, 2024).

Silva *et al.* (2024) destacam que o manejo de comportamentos disruptivos em crianças com TEA requer estratégias estruturadas, como observação sistemática do comportamento e orientação contínua aos familiares, comunicação adaptada e empática, e colaboração próxima com a família. Técnicas como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) podem ser incorporadas ao planejamento do cuidado, promovendo hábitos saudáveis, manejo do estresse, melhoria do comportamento adaptativo e fortalecimento do vínculo entre crianças e família. Além disso, os autores enfatizam a importância de uma abordagem multidisciplinar, contínua e baseada em evidências, aliada à formação permanente dos enfermeiros, evidenciando o impacto positivo da atuação profissional na saúde mental infantil.

Pesquisas como a de Oliveira *et al*., 2025 mostram o quão importantes são as estratégias de cuidado individualizadas, que considerem o desenvolvimento global da criança e as demandas familiares. Entre elas, destacam-se: educação em saúde para pais e educadores, acompanhamento multiprofissional, intervenções comportamentais e apoio psicossocial, além da implementação de protocolos clínicos baseados em evidências.

De acordo com Pimenta e Amorim (2021), a equipe de enfermagem pode contribuir para melhores condições de vida das crianças e de seus familiares orientando sobre o conhecimento da doença, suas principais manifestações comportamentais e como se pode criar uma relação de afeto e cuidado, tornando a criança mais independente. Tal atitude pode ajudar os pais a enfrentar os desafios que esta condição exige.

O enfermeiro pode ajudar os familiares, seja em consultas domiciliares ou em consultas nas Unidades Básicas de Saúde, a compreenderem o contexto familiar que agora estão inseridos e entender o papel que cada membro precisa desempenhar para facilitar a implementação de cuidados (Ferreira *et al*, 2024)

Pesquisas como a de Mota *et al.* (2022) destacam que a detecção precoce dos primeiros

sinais do autismo pela equipe de enfermagem como, dificuldade de socialização, dificuldades na demonstração de afeto e no contato visual, atrasos na fala, comportamentos estereotipados, pouca demonstração de interesse, dificuldade em alterar as rotinas e sensibilidade aumentada a estímulo, é imprescindível para que a assistência seja acolhedora, de forma holística e ética, e acompanhando o ritmo do paciente transmitindo assim, confiança e segurança a criança e aos familiares.

Segundo Ferreira *et al.* (2024), por mais que se fale e debata sobre o autismo, pouco ainda é mencionado sobre a qualidade de vida dos membros familiares da criança portadora do transtorno, já que o mesmo irá requerer mais atenção por parte de seu cuidador, levando-o assim a ter dificuldades com sua vida social e apresentando uma sobrecarga que poderá resultar em irritabilidade, estresse, isolamento e outros danos psicológicos ou físicos.

Ainda de acordo com Ferreira *et al*. (2024), o suporte direcionado à família fortalece o ambiente domiciliar, reduz sobrecarga e ansiedade parental e favorece a implementação das intervenções em casa, promovendo um cuidado contínuo eficaz. A colaboração entre enfermeiros, pais e demais profissionais de saúde evidencia a relevância da abordagem integral e humanizada no cuidado a crianças com TEA.

A capacitação contínua da equipe de enfermagem em saúde mental infantil e no manejo das particularidades do autismo potencializa a efetividade das estratégias adotadas, melhorando a comunicação com a criança, favorecendo a adesão às orientações e promovendo o desenvolvimento cognitivo e social (Mota *et al*., 2022).

Sabeh *et al*. (2024) reforçam que intervenções sensíveis e humanizadas, pautadas em empatia, escuta qualificada e comunicação adaptada, promovem a inclusão social, autoestima e melhor desempenho em atividades diárias, consolidando a relevância das estratégias de cuidado individualizadas no contexto de saúde mental infantil.

O suporte contínuo e a orientação aos familiares resultam em diminuição de níveis de estresse, ansiedade, sobrecarga, fortalecendo o ambiente doméstico e contribuindo para o desenvolvimento integral da criança, evidenciando que a atuação da enfermagem vai além do cuidado direto, impactando de forma significativa a rotina de bem-estar das crianças com TEA (Freitas *et al*., 2023).

A literatura enfatiza a importância de estratégias de cuidado individualizadas, que considerem o desenvolvimento global da criança e as demandas familiares. Entre elas, destacam-se: educação em saúde para pais e educadores, acompanhamento multiprofissional, intervenções comportamentais e apoio psicossocial, além da implementação de protocolos clínicos baseados em evidências (Oliveira *et al*., 2025).

A educação em saúde constitui uma das estratégias mais eficazes da enfermagem na promoção da qualidade de vida e inclusão social de crianças com TEA. O enfermeiro atua como mediador entre família, escola e equipe multiprofissional, oferecendo orientações sobre manejo de crise, estímulo à autonomia, criação de rotinas estruturadas (Sousa; Abreu; Bubadué, 2024). Segundo Freitas *et al*. (2023), práticas educativas conduzidas por enfermeiros reduzem o estresse de cuidadores, fortalecem vínculos familiares e contribuem para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Além disso, a escuta sensível e o acolhimento humanizado permitem que a família se sinta parte ativa no processo terapêutico, reforçando o papel do enfermeiro como agente de inclusão e promotor da saúde mental infantil.

3 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter qualitativo e descritivo, que buscou reunir e analisar evidências científicas acerca do papel da enfermagem na assistência a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando os principais desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para a promoção da saúde mental.

Para estabelecer a questão norteadora de forma mais precisa foi utilizado o acrônimo PICO (população/paciente, intervenção, comparação, desfecho), na qual:

P: crianças com TEA
I: assistência de enfermagem
C: ausência de assistência de enfermagem qualificada O: diagnóstico precoce

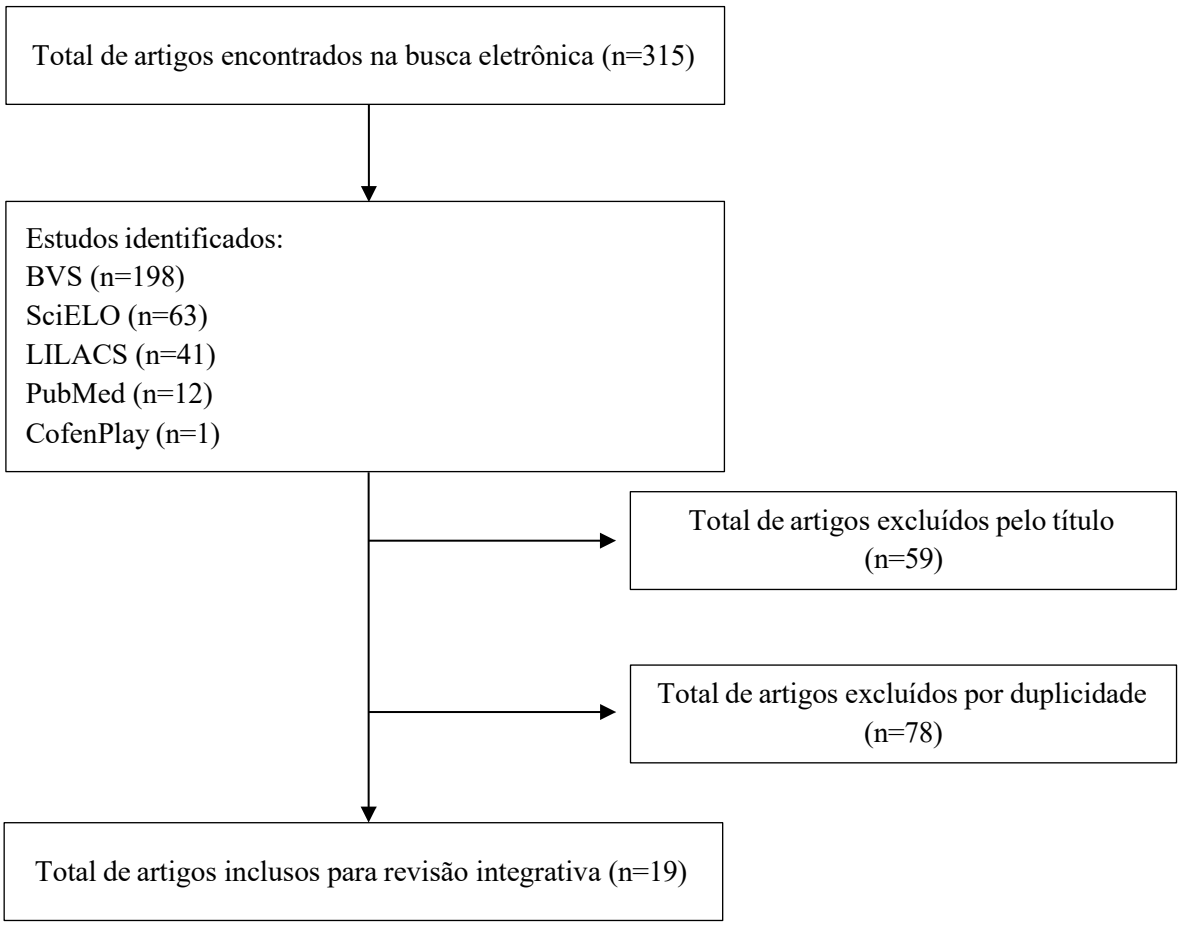
A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados (SciELO, LILACS, BVS e PubMed), no site oficial do Cofen e na Biblioteca Digital do Cofen (Cofenplay). A pesquisa foi realizada nos meses de fevereiro a novembro de 2025, utilizando os seguintes descritores DeCS: “Transtorno do Espectro Autista, enfermagem, criança e saúde mental”. Os descritores foram interligados utilizando o operador booleano AND, com o objetivo de otimizar os resultados e identificar publicações que abordassem a temática de interesse.

Os critérios estabelecidos para a inclusão dos artigos foram os seguintes: Foram considerados artigos completos em português, disponíveis nas plataformas mencionadas, publicados entre 2016 e 2025, que abordassem a atuação de enfermagem no acompanhamento e assistência a crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram removidos artigos duplicados, assim como materiais que não possuíam ligação direta com o tema ou que não abordavam a prática de enfermagem no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o processo de levantamento bibliográfico, foram identificados 198 estudos na BVS, 63 na SciELO, 41 na LILACS, 12 no PubMed e 1 na Biblioteca Digital do COFEN (Cofenplay), totalizando 315 publicações encontradas. Após a exclusão de duplicidades, 78 artigos seguiram para a triagem por meio da leitura dos títulos e resumos, etapa em que 59 foram descartados por não atenderem aos critérios previamente definidos. Ao final da leitura completa e análise crítica, 19 artigos científicos compuseram a amostra final desta revisão integrativa, sendo complementados por documentos institucionais e diretrizes oficiais do COFEN, que contribuíram para a fundamentação teórica do estudo. Estes dados estão descritos em detalhes no fluxograma a seguir (Figura 1).

Figura 1 - Fluxograma com a identificação dos estudos e por meio de banco de dados e registros



Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Após a etapa da seleção dos estudos, descrita no fluxograma acima, os artigos selecionados foram organizados quanto ao título, autores, ano de publicação, objetivos, métodos e principais achados, apresentados no Quadro seguinte.

Quadro 1 - Caracterização dos artigos incluídos na revisão

Título	**Autor/ Ano**	**Objetivo**	**Métodos**	**Resultados**
Participação de enfermeiros na detecção de sinais de autismo infantil na Atenção Primária à Saúde	Oliveira *et al.* (2025)	Analisar o papel do enfermeiro na detecção precoce do TEA na Atenção Primária	Qualitativo exploratório	Verificou-se que a maioria dos estudos tem como foco a assistência de enfermagem em contextos de Atenção Primária à Saúde e Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), ressaltando a importância da escuta qualificada, da observação clínica e da detecção precoce de sinais de autismo. Enfermeiros conseguem identificar sinais precoces (atraso na fala, pouco contato visual, resistência a mudanças) durante consultas de puericultura. Destaque para a importância da escuta e da observação clínica.
O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	Pitz, Gallina e Schultz (2021)		Estudo descritivo, qualitativo, com análise temática	
O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	Soeltl *et al.,* 2021	Analisar a importância da formação e da capacitação do enfermeiro no cuidado à criança com TEA	Estudo descritivo com abordagem qualitativa, avaliação por meio de entrevistas com	Os estudos mostraram que a capacitação é essencial para a qualidade da assistência. Ambos identificam lacunas na formação e na atualização em saúde mental infantil, reconhecendo que a falta de preparo reduz a eficácia do atendimento e dificulta a identificação precoce do TEA.

			profissionais de enfermagem	
Cuidado ofertado a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no SUS de Francisco Morato: um estudo de caso 2025	Santos, 2025		Estudo de caso descritivo (monografia de especialização)	
Assistência de Enfermagem frente à família do portador de Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Ferreira *et al.,* 2024	Avaliar o impacto de treinamentos contínuos no cuidado de enfermagem à criança com TEA	Estudo qualitativo, com questionário discursivo a enfermeiros	As pesquisas mostram contínuas, incluindo comunicação adaptada, manejo de crises e estratégias de acolhimento, fortalecem o vínculo entre enfermeiro, criança e família, promovendo um cuidado mais efetivo e humanizado.
Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura	Mota *et al.,* 2022		Revisão integrativa da literatura	
Assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista.	Brasil, 2012; Caitano *et al.,* 2025	Analisar o impacto da Lei n° 12.764/2012 e sua relação com a atuação da enfermagem	Revisão de literatura	A Lei n° 12.764/2012 é apontada como marco legal essencial, assegurando atendimento multiprofissional, inclusão escolar e promoção da saúde mental. Os estudos destacam que esse marco fortalece o papel do enfermeiro na articulação dos serviços e na garantia dos direitos das crianças com TEA.
Enfermagem no cuidado de Crianças com Espectro Autista	Sousa; Abreu;	Descrever o papel do enfermeiro na	Revisão de literatura narrativa	Nessa perspectiva, o enfermeiro é descrito como ele fundamental entre os serviços de saúde, escola e

	Bubadué, 2024	articulação entre família, escola e serviço de saúde		famílias, desempenhando papel educativo e de mediação entre o usuário e a rede de apoio
O papel do enfermeiro no manejo de comportamentos disruptivos em pacientes com TEA	Silva *et al.,* 2024	Analisar estratégias de cuidado humanizado e intervenção comportamental na assistência de enfermagem a crianças com TEA	Revisão bibliográfica qualitativa/exploratória	A literatura aponta consenso sobre a necessidade de uma assistência humanizada e individualizada. Abordagem como a ABA, associadas à escuta sensível e ao acolhimento empático, apresentam impacto positivo na redução de comportamentos disruptivos e no fortalecimento dos vínculos familiares.
	Sabeh *et al.,* 2024		Revisão bibliográfica descritiva e exploratória	

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

As publicações analisadas destacam avanços na compreensão do papel do enfermeiro, bem como desafios persistentes relacionados à formação, às políticas públicas e às estratégias de cuidado humanizado voltadas à saúde mental infantil.

Verificou-se que a maioria dos estudos tem como foco a assistência de enfermagem em contextos de Atenção Primária à Saúde e Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), ressaltando a importância da escuta qualificada, da observação clínica e da detecção precoce de sinais de autismo (Oliveira *et al*., 2025; Pitz; Gallina; Schultz, 2021). O enfermeiro é apontado como profissional estratégico para o reconhecimento de alterações comportamentais no desenvolvimento infantil, especialmente durante as consultas de puericultura, nas quais é possível identificar sinais precoces como atraso na fala, ausência de contato visual e resistência a mudanças de rotina.

Os resultados evidenciam também que a capacitação profissional é um dos principais fatores determinantes da qualidade da assistência. Estudos apontam lacunas significativas na formação e na atualização em saúde mental infantil, o que repercute diretamente na eficácia do atendimento prestado (Soeltl *et al*., 2021; Santos, 2025). Pesquisas recentes indicam que a implementação de treinamentos contínuos, abordando comunicação adaptada, manejo de crises e estratégias de acolhimento, contribui para o fortalecimento do vínculo entre enfermeiro, criança e família (Ferreira *et al*., 2024; Mota *et al*., 2022).

Outro ponto recorrente nas publicações é a necessidade de integração da enfermagem

às políticas públicas voltadas à pessoa com TEA, especialmente no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana) é citada em diversos estudos como marco legal que assegura o direito ao atendimento multiprofissional, a inclusão escolar e a promoção da saúde mental (Brasil, 2012; Caitano *et al*., 2025). Nessa perspectiva, o enfermeiro é descrito como elo fundamental entre os serviços de saúde, escola e famílias, desempenhando papel educativo e de mediação entre o usuário e a rede de apoio (Sousa; Abreu; Bubadué, 2024).

A literatura evidencia que a educação em saúde é uma das estratégias mais relevantes utilizadas pela enfermagem no cuidado a criança com TEA, especialmente por favorecer o envolvimento ativo da família no processo terapêutico (Sousa; Abreu; Bubadué, 2024). Intervenções educativas que incluem orientação familiar, acompanhamento multiprofissional e ações voltadas ao fortalecimento de habilidades da criança tem se mostrado eficazes na redução do estresse e da sobrecarga dos cuidadores, contribuindo para um ambiente familiar mais estruturado (Ferreira *et al*., 2024). Além disso, práticas que estimulam a interação e comunicação aumentam o engajamento da criança, favorecendo a melhoria da comunicação e do vínculo no cotidiano do cuidado (Mota *et al*., 2022). Tais práticas reforçam o papel do enfermeiro como mediador entre os contextos familiar, escolar e terapêutico.

Por fim, observou-se consenso na literatura de que a assistência de enfermagem deve ser humanizada, individualizada e baseada em evidências, valorizando a singularidade de cada criança. Abordagens que integram técnicas comportamentais, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), associadas à escuta sensível e ao acolhimento empático, mostram impacto positivo na redução de comportamentos disruptivos e no fortalecimento dos vínculos familiares (Silva *et al*., 2024; Sabeh *et al*., 2024).

De modo geral, os resultados demonstram que a enfermagem desempenha papel essencial na promoção da saúde mental e no cuidado integral à criança com TEA, sendo indispensável o investimento em formação profissional, protocolos assistenciais específicos e políticas públicas que garantem suporte contínuo às famílias e aos profissionais envolvidos.

A partir dos estudos incluídos, evidenciou-se que os principais desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no cuidado a crianças com TEA são: a) lacunas na formação específica em saúde mental infantil e identificação precoce; b) ausência ou fragilidade de protocolos institucionais para triagem e acompanhamento; c) sobrecarga de trabalho e insuficiente integração entre serviços; e d) limitações estruturais na Atenção Primária que dificultam o acompanhamento longitudinal da criança e da família.

Esses achados são confirmados por Soeltl *et al*. (2021), Prigolli *et al*. (2025), Santos (2025) e Almeida *et al*. (2024), que destacam que a insuficiência de preparo técnico e a carência de fluxos bem definidos comprometem o rastreamento precoce e a continuidade do cuidado.

A presente revisão integrativa evidencia que a assistência de enfermagem a criança com TEA tem avançado em reconhecimento e práticas na Atenção Primária a Saúde, embora persistam lacunas formativas e estruturais a serem superadas. Estudos nacionais recentes, como o de Oliveira *et al.,* (2025), demonstram que enfermeiros da APS participam ativamente da detecção precoce de sinais de TEA por meio da observação do desenvolvimento infantil, da escuta qualificada às famílias e da identificação de sinais de alerta durante as consultas de puericultura, ainda que relatem dificuldades quanto ao uso sistemático de instrumentos padronizados de triagem, como o M-CHAT-R/F. Tais achados reforçam o papel central da enfermagem na promoção da saúde mental infantil e na articulação de estratégias de acolhimento, escuta qualificada e encaminhamento adequado dentro da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

De modo complementar, Pitz; Gallina; Schultz, (2021) identificaram que apenas 10% dos 78 enfermeiros entrevistados sabiam reconhecer sinais precoces do espectro na primeira infância. As autoras apontam que essa dificuldade está associada a falta de capacitação específica, ausência de fluxos definidos na Atenção Primária e lacunas formativas desde a graduação. Esses achados reforçam que a qualificação contínua e a implantação de protocolos de rastreamento são medidas essenciais para fortalecer o protagonismo da enfermagem no cuidado as crianças com TEA. Assim, os dados quantitativos apresentados no estudo dialogam com os achados qualitativos desta revisão, ao evidenciarem que o conhecimento técnico e o suporte institucional influenciam diretamente a prática clínica e a promoção da saúde mental infantil.

Os achados corroboram que capacitação direcionada por meio de oficinas práticas, treinamentos sobre protocolos de triagem e estratégias de educação em saúde potencializa a sensibilidade dos profissionais na detecção precoce e no acolhimento inicial às famílias, sendo, portanto, uma intervenção prioritária para fortalecer a prática de enfermagem na APS. Além disso, as evidências mostram que quanto maior o conhecimento técnico dos enfermeiros, maior a capacidade de acolhimento às famílias e de articulação com a equipe multiprofissional.

Embora a literatura nacional sobre o tema ainda seja predominantemente qualitativa, o conjunto das evidências analisadas, tanto quantitativas quanto descritivas, permite concluir que a atuação da enfermagem contribui significativamente para o bem-estar emocional e social da

criança com TEA e de sua família. As estratégias destacadas incluem educação em saúde, acolhimento familiar, uso de instrumentos de triagem, acompanhamento longitudinal, mediação com escolas e integração multiprofissional, que, em conjunto, favorecem o desenvolvimento global da criança e o fortalecimento dos vínculos afetivos.

Essa análise evidencia que foi possível identificar e analisar as principais estratégias e implicações práticas da atuação da enfermagem na promoção da saúde mental de crianças com TEA, destacando tanto avanços quanto desafios persistentes. Observou-se ainda uma lacuna de pesquisas quantitativas nacionais capazes de mensurar o impacto direto dessas ações, o que aponta uma oportunidade de ampliação científica e não uma limitação do presente trabalho. A predominância de estudos qualitativos reflete o estágio atual da produção brasileira sobre o tema e reforça a importância de investir em pesquisas mistas e intervenção avaliativas para aprofundar o conhecimento sobre a efetividade das práticas de enfermagem nesse contexto.

Os achados corroboram o estudo de Almeida *et al*. (2024), que demonstrou que grande parte dos enfermeiros da APS apresenta conhecimento limitado sobre o TEA e insegurança em identificar sinais precoces, o que impacta diretamente a detecção e o encaminhamento adequados. Essa lacuna na formação profissional também foi destacada por Prigolli *et al*. (2025), que apontam a carência de capacitação contínua e a ausência de protocolos estruturados como barreiras à prática efetiva.

De forma semelhante, Sousa, Abreu, Bubadué (2024) reforçam que a qualificação dos profissionais de enfermagem é determinante para o reconhecimento de manifestações iniciais do espectro e para o estabelecimento de estratégias de intervenção precoce. Esses resultados convergem com o estudo de Pitz, Gallina e Schultz (2021), o qual destaca que o enfermeiro, ao atuar na puericultura, ocupa posição privilegiada para observar sinais de alerta, como atraso na fala, ausência de contato visual e resistência a mudanças de rotina, sendo fundamental o uso de instrumentos como o M-CHAT-R/F para rastreamento inicial. A convergência entre esses estudos reforça a importância de fortalecer a formação técnica e emocional dos enfermeiros para atuação na triagem precoce.

Por outro lado, Silva *et al*. (2024) ampliam essa análise ao discutir o cuidado sob a ótica da responsabilidade ética e humanizada, destacando que o acolhimento sensível e a escuta ativa são pilares da assistência de enfermagem às pessoas com TEA. A autora argumenta que o vínculo entre profissional, família e criança deve ser construído com empatia e respeito às singularidades, o que vai além da técnica e exige preparo emocional e sensibilidade relacional. Essa perspectiva dialoga com Sabeh *et al*. (2024), que ressaltam a importância da escuta

qualificada e da comunicação terapêutica para reduzir a ansiedade familiar e favorecer o desenvolvimento infantil. Assim, observa-se que a prática de enfermagem transcende o campo biomédico, integrando-se à dimensão psicossocial e afetiva do cuidado.

Entretanto, enquanto alguns autores enfatizam o potencial humanizador da enfermagem, outros destacam suas limitações estruturais. Prigolli *et al*. (2025) identificam que a sobrecarga de demandas e a falta de estrutura nas unidades básicas de saúde prejudicam o acompanhamento contínuo das crianças com TEA e de suas famílias. Esses achados divergem parcialmente dos de Santos *et al*. (2024), que, ao realizarem uma revisão integrativa, evidenciaram experiências positivas em contextos onde o enfermeiro atua de forma interdisciplinar e participa de capacitações regulares. Essa divergência pode ser explicada pelas diferenças regionais e pelas condições de trabalho, reforçando a necessidade de políticas públicas mais homogêneas e acessíveis em todo o território nacional.

A inovação tecnológica também surge como perspectiva promissora para superar parte desses desafios. Mendonça *et al*. (2023) desenvolveram um protótipo de aplicativo móvel voltado para triagem e acompanhamento de crianças com TEA na APS, mostrando que a tecnologia pode otimizar o processo de identificação e facilitar o acompanhamento multiprofissional. Essa proposta se articula com o que apontam Oliveira *et al*. (2025), ao destacarem que o uso de ferramentas digitais e escalas validadas amplia a precisão do rastreamento e fortalece a autonomia da enfermagem no cuidado preventivo. Tais achados demonstram que a integração entre conhecimento científico e prática clínica é fundamental para aprimorar a qualidade da assistência.

Além disso, Sousa; Abreu; Bubadué (2024) evidenciam que o enfermeiro exerce um papel orientador junto à criança com TEA e seus familiares, por meio de escuta qualificada e cuidados personalizados, favorecendo um atendimento mais humanizado. Esse enfoque educativo é reforçado por Sabeh *et al*. (2024), que defendem a necessidade de programas de educação em saúde voltados às famílias, escolas e comunidade, como meio de reduzir o estigma e melhorar a convivência social. Essas ações dialogam diretamente com as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA (Lei nº 12.764/2012) e com os princípios da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que orientam o cuidado integral e humanizado dentro do SUS.Dessa forma, a literatura analisada converge ao reconhecer que o enfermeiro exerce papel central na promoção da saúde mental infantil e no acompanhamento das crianças com TEA. No entanto, a efetividade dessa atuação depende de capacitação permanente, condições estruturais adequadas e articulação entre os diferentes níveis de atenção. Ao integrar

conhecimento técnico, empatia, inovação e políticas públicas, a enfermagem fortalece sua identidade como profissão essencial na construção de uma rede de cuidado inclusiva, interdisciplinar e comprometida com o desenvolvimento integral da criança autista e de sua família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão integrativa permitiu compreender que o papel da enfermagem na assistência às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para o fortalecimento da saúde mental infantil e apoio as famílias. Os estudos analisados evidenciam que o enfermeiro atua não apenas na triagem e detecção precoce dos sinais do TEA, mas também na promoção de cuidados humanizados, na educação em saúde e na coordenação do acompanhamento multiprofissional.

Observou-se que, embora a enfermagem tenha avançado em sua atuação, persistem desafios relacionados à formação específica, ausência de protocolos padronizados e insuficiência de recursos estruturais, principalmente na Atenção Primária à Saúde. Tais fatores interferem na continuidade do cuidado e no diagnóstico precoce, reforçando a necessidade de investimentos em capacitação e suporte institucional.

A literatura demonstrou que estratégias educativas, acolhimento empático, comunicação adaptada e o uso de instrumentos como o M-CHAT-R/F contribuem para o fortalecimento do vínculo entre enfermeiro, criança e família, além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança com TEA. A prática de enfermagem fundamentada na escuta qualificada e na sensibilidade ética mostra-se determinante para a inclusão e o bem-estar desses indivíduos. Conclui-se, portanto, que o enfermeiro é um agente indispensável no cuidado integral à criança com TEA, devendo ser valorizado como protagonista nas ações de promoção da saúde mental infantil. A consolidação de políticas públicas voltadas à formação continuada e à estruturação da rede de apoio é fundamental para que a enfermagem atue de forma ainda mais resolutiva, humanizada e transformadora na vida das crianças e famílias que convivem com o Transtorno do Espectro Autista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela dos Santos Mangueira de *et al.* Knowledge and practice of primary care nurses about autism spectrum disorder. **Revista Enfermagem da UFPI**, Terezina, v. 13, n. 1, p. 1-10, 17 fev. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3953/4330. Acesso em: 7 nov. 2025.

BRASIL. Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 17 nov. 2025.

CAITANO, Antônia Ozana Alves. *et al*. Assistência de enfermagem à crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE.** São Paulo, v. 11, n. 5, p. 1711-1721, maio. 2025. DOI: 10.51891/rease.lli5.19088. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19088/11253. Acesso em: 17 nov. 2025.

DUNNINGHAM, William Azevedo, FILHO, Antônio de Souza Andrade. Transtorno do Espectro Autista e a CID-11**. Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, Porto Alegre, v.28, n.2, p.3, maio/ago. 2024. Disponível em: https://www.revneuropsiq.com.br/rbnp/article/download/1160/332. Acesso em: 04 de nov. de 2025.

FERREIRA, Larissa Rafaela de Paula *et al.* Assistência de Enfermagem frente à família do portador de Transtorno Do Espectro Autista (TEA). **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 28, n. 2, p. 164-183, 28 out. 2024. https://doi.org/10.25110/arqsaude.v28i2.2024-8393. Disponível em: https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/8393. Acesso em: 22 out. 2025.

FREITAS, Samara de Jesus. *et al.* A atuação do enfermeiro na assistência ao membro familiar e a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 10, p. e72121043438, 10 out. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v12i10.43438. Acesso em: 27 out. 2025.

JERÔNIMO, Tatiane Garcia Zuchi. *et al.* Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, 2023. DOI: https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023ao030832. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/3KwWvQnjR76F3Ddwm53BVRm/. Acesso em: 16 abr. 2025.

MAGALHÃES, Juliana Macêdo. *et al.* Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermería Global**, v. 19, n. 2, p. 531-559, 15 mar. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.6018/eglobal.356741. Acesso em: 22 out. 2025.

MENDONÇA, Andrea Gondim. *et al.* Aplicativo móvel para a triagem e gestão do Transtorno de Espectro Autista na Atenção Primária. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 13, n. 86, p. 12587-12602, 20 jun. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2023v13i86p12587-12602. Acesso em: 7 nov. 2025.

MOTA, Mariane Victória da Silva. *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 314-326, 30 set. 2022.DOI: https://doi.org/10.22278/2318-2660.2022.v46.n3.a3746. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/03/1417747/rbsp_v46n3_20_3746.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

OLIVEIRA, Angelica Ribeiro Pinto de. *et al.* Participação de enfermeiros na detecção de sinais de autismo infantil na Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 78, n. 1, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2023-0530pt. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/5zpcCQNRtfCCrHJSJmrvyjp/?lang=pt. Acesso em: 16 abr. 2025.

OLIVEIRA, Cleide. Assistência de Enfermagem no Transtorno do Espectro Autista. *In:* OLIVEIRA, Cleide. **Diretrizes Nacionais de Atenção à Enfermagem em Saúde Mental**. Brasília: COFEN, 2022. p. 303. ISBN 978-87031-09-5. Disponível em: https://app.cofenplay.com.br/biblioteca. Acesso em: 06 jun. 2025.

PARECER N° 17/2025/CAMARAS TÉCNICAS DE ENFERMAGEM – Cofen. **Atuação do Enfermeiro(a) na Triagem e Acompanhamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA).** Brasília, DF, 2025. Disponivel em: https://www.cofen.gov.br/parecer-no-17-2025-camaras-tecnicas-de-enfermagem/. Acesso em: 06 jun. 2025.

PEREIRA, Ana Carolina Perez. *et al*. **A Influência Do Marketing Na Conscientização Do Autismo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Técnico de Marketing Integrado ao Ensino Médio) - Centro Estadual De Educação Tecnológica Paula Souza. Osasco, 2023. Disponível em:marketing_2023_2_ana_carolina_perez_pereira_influencia_marketing_conscientizacao_autismo.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.

PIMENTA, Camilla Gabriely dos Santos; AMORIM, Ana Carolina de Souza. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. **Ensaios e Ciencia**, v. 25, n3, 2021, p 381 – 389. Disponível em https://doi.org/10.17921/1415-6938.2021v25n3p381-389. Acesso em: 10 out. 2025.

PITZ, Isabela Soter Corrêa; GALLINA, Fernanda; SCHULTZ, Lidiane Ferreira. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, v. 24, n. 2, 5 nov. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438. Acesso em: 22 out. 2025.

PRIGOLLI, Julia Brustolin; ROSTIROLLA, Letícia Maria; GRANDO, Patricia. Percepções e desafios de profissionais da Enfermagem na Atenção Primária à Saúde frente ao Transtorno do Espectro Autista. **Saberes Plurais Educação na Saúde**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. e146185, 2025. DOI: 10.54909/sp.v9i1.146185. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/saberesplurais/article/view/146185. Acesso em: 7 nov. 2025.

SABEH, Maria Eduarda Godoi; OLIVEIRA, Aline Cristina Dias; VEIGA, Alessandro Gabriel Macedo. CUIDADO SENSÍVEL: ABORDAGEM DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 10, p. 1044-1058, 4 out. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p1044-1058. Acesso em: 25 out. 2025.

SANTOS, Jéssica Vieira. *et al.* Potencialidades e limitações da assistência de enfermagem em atenção às crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa. **Saúde.com**, v. 20, n. 2, 29 jun. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.22481/rsc.v20i2.13567. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/rsc/article/view/16783. Acesso em: 7 nov. 2025.

SANTOS, Laiury Mendes Cosme. *et al.* Assistência de Enfermagem a Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Nursing Edição Brasileira**, v. 29, n. 320, p. 10444-10451, 6 mar. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.36489/nursing.2025v29i320p10444-10451. Acesso em: 22 out. 2025.

SANTOS, Luaê Helena Fonseca Raimundo. Cuidado ofertado a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista no SUS de Francisco Morato: um estudo de caso. 2025. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Especialização em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde, Coordenadoria de Recursos Humanos, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2025/03/1590218/tcc-luae-helena-fonseca-raimundo-dos-santos.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

SILVA, Karoni Oliveira. *et al.* O PAPEL DO ENFERMEIRO NO MANEJO DE COMPORTAMENTOS DISRUPTIVOS EM PACIENTES COM TEA. **Revista ft**, v. 29, n. 140, p. 02-03, 14 nov. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.69849/revistaft/cs10202411141402. Acesso em: 31 out. 2025.

SOELTL, Sarah Baffile; FERNANDES, Isabel Cristine; CAMILLO, Simone de Oliveira. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sciences**, André – SP, v. 46, p. e021206, 8 mar. 2021. DOI: https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/04/1152233/abcs46e021206pt.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

SOUSA, Vitória Fonseca; ABREU, Mikaelhe Ferreira; BUBADUÉ, Renata de Moura. Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **REVISA**, p. 387-396, 10 out. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.36239/revisa.v13.n2.p387a396. Acesso em: 22 out. 2025.